

O GRUPO DE ESTUDOS GRIÔ PELAS LENTES DE UMA ESTUDANTE DO CURSO TÉCNICO INTEGRADO

RESUMO

Este relato apresenta a experiência de participação de uma estudante do ensino médio como bolsista no projeto extensionista "GRIÔ – Grupo de Estudos sobre Racismo, Antirracismo e História e Cultura Negra e Indígena". O grupo surgiu, vinculado ao NEABI do IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes, como possibilidade de impulsionar e disseminar o conhecimento dos saberes construídos historicamente sobre a história social do negro e a luta antirracista e indígena. A metodologia do projeto se valeu de encontros quinzenais e da leitura de obras de autores negros e indígenas, o projeto buscou ampliar o debate sobre questões étnico-raciais, fomentar o pensamento crítico e fortalecer o letramento racial no espaço educacional. Enquanto participante ativa, compartilho neste texto minha vivência pessoal, os desafios enfrentados e os aprendizados construídos em grupo, ressaltando a importância dessa iniciativa para minha formação cidadã, intelectual e humana. A experiência demonstra o potencial transformador da extensão e do envolvimento de jovens em projetos que enfrentam o racismo estrutural e valorizam as culturas historicamente silenciadas no Brasil.

Palavras-chave: Educação; Protagonismo; Afro-brasileira; Extensão.

1. INTRODUÇÃO

Como estudante do ensino técnico integrado ao ensino médio do IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes, tive a oportunidade de ingressar, em outubro de 2024, como bolsista de extensão no projeto GRIÔ – Grupo de Estudos sobre Racismo, Antirracismo e História e Cultura Negra e Indígena, desenvolvido pelo NEABI do nosso campus. O projeto me chamou a atenção pelo nome: “GRIÔ”, que aprendi ser uma palavra africana que representa os sábios contadores de histórias, responsáveis por guardar a memória do seu povo. Amadou Hampâté Bâ (2010), destaca que os griôs são figuras relevantes das sociedades africanas ocidentais desde o século XIV até a contemporaneidade. São conhecidos como sábios contadores de histórias e depositários das memórias de seu povo. Eu nunca tinha ouvido falar sobre isso, e desde o início senti que ao participar deste espaço, eu teria muito a aprender e talvez até a ensinar.

A criação dos NEABIs (Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) no âmbito dos institutos federais representa uma conquista importante na luta por uma educação antirracista e plural. No entanto, como apontam autores como Gomes (2017), ainda existem muitos desafios para que esses espaços se tornem parte ativa do cotidiano escolar. Projetos como o GRIÔ representam uma chance de fazer essa transformação acontecer, especialmente quando envolvem estudantes do ensino médio, nos colocando como sujeitos ativos da nossa própria formação.

Vivemos em um país com profundas desigualdades raciais. Kabengele Munanga (2005) nos lembra que o racismo brasileiro é marcado por uma falsa ideia de democracia racial, que esconde as

violências e exclusões sofridas pelas populações negras e indígenas. Eu sabia que isso existia, mas foi no GRIÔ que passei a entender de verdade o quanto esse problema nos atravessa todos os dias, inclusive dentro da escola.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os encontros do GRIÔ aconteceram quinzenalmente, de forma remota, entre outubro de 2024 e abril de 2025. Cada reunião era precedida por uma leitura coletiva. Lemos obras como O Pacto da Branquitude de Cida Bento, O Fascismo da Cor de Muniz Sodré e outros textos complementares sugeridos pelos participantes. Confesso que, no começo, achei difícil entender tudo. Mas os debates eram abertos, acolhedores e nos encorajaram a trazer nossas dúvidas e experiências pessoais. Isso me ajudou muito.

Além das leituras, também participamos da organização de uma sala virtual no Google Sala de Aula, onde eram compartilhados os textos, cronogramas e registros. Criamos ainda uma biblioteca digital, reunindo livros em PDF sobre temas étnico-raciais, e uma galeria digital com vídeos e materiais sobre cultura negra e indígena. Eu mesma ajudei a pesquisar alguns desses materiais, o que me deu uma enorme sensação de pertencimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participar do GRIÔ foi um divisor de águas na minha vida escolar. Eu era uma entre os 27 participantes do grupo, que incluía estudantes, professores e até pessoas da comunidade. Cada encontro era uma descoberta: aprendi a olhar para a história do Brasil com outros olhos, a reconhecer as vozes que foram silenciadas e a valorizar as culturas que foram apagadas.

Houve momentos muito emocionantes, ali, naquele grupo, percebi que não estava sozinha, nas tratativas que me atravessam. Isso fortaleceu minha autoestima e me fez entender que estudar essas questões do cotidiano tidas como micro-agressões também é uma forma de resistência. Como diz Nilma Lino Gomes (2017), "o pertencimento racial é também uma dimensão afetiva e política". No GRIÔ, eu encontrei esse pertencimento.

A experiência revelou que a construção de uma educação antirracista exige continuidade, apoio institucional e o fortalecimento de espaços coletivos de escuta, reflexão e transformação. O GRIÔ reafirma a importância da atuação política e pedagógica dos núcleos de estudos étnico-raciais no enfrentamento das desigualdades históricas e estruturais.

Como bolsista, me senti reconhecida e valorizada. Eu participei não só como estudante, mas como alguém que podia colaborar com ideias, propor mudanças, sugerir textos e se envolver de

verdade. O GRIÔ me ensinou que educação é algo que se constrói junto. Eu passei a ter mais coragem de falar, de questionar e de me posicionar.

4. CONCLUSÃO

O GRIÔ foi muito mais do que um grupo de estudos. Foi um espaço de acolhimento, resistência e aprendizado coletivo. Para mim, como estudante do ensino médio, participar desse projeto foi uma oportunidade única de ampliar meus horizontes e de começar a construir uma consciência crítica sobre o racismo e a importância da valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas.

Reforçando o pensamento de Amadou Hampâté Bâ (2010) onde afirma que a tradição africana é um fenômeno vivo, em constante transformação e adaptação às novas realidades, mantendo sua essência e significado através das gerações. Ouso a dizer que projetos como este citado, materializa o pensamento de Amadou, em esfera e ancestralidade africana e indígena no Brasil.

Esse tipo de iniciativa mostra que projetos de extensão também podem – e devem – envolver estudantes da educação básica. Como afirma Nilma Lino Gomes (2017), “a escola precisa ser um espaço onde as crianças e os jovens negros se vejam representados, sintam-se pertencentes e reconhecidos em sua dignidade”. O GRIÔ foi esse espaço para mim. Que existam muitos outros assim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao IFSULDEMINAS - campus Inconfidentes pela oportunidade de vivenciar e ajudar na luta pela resistência e a valorização da cultura afro-brasileira, e aos meus colegas de equipe e a reitoria que tornaram esse projeto possível.

REFERÊNCIAS

BÂ , Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África I:** metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2005.